

A SOMBRA DO VENTO

OBRAS DE LEONOR NEVES

CURADORIA ANA ANACLETO

2ª BOLSA DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NA RAMA,
APOIADA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS

A SOMBRA DO VENTO

Num texto dedicado ao assunto do Retrato, inserido na publicação “Sem título – Escritos sobre Arte e Artistas”, José Gil recorda as reflexões de Plínio (o Velho) acerca do mito da criação da Pintura e da Cerâmica para nos fazer aproximar da ideia de que na matriz de todas as criações (ditas) artísticas se encontra inevitavelmente o Desenho.

O referido mito apresenta-nos o primeiro momento, historicamente registado, no qual foi possível a uma jovem apaixonada (filha do oleiro Butades de Sícion, cujo nome não foi registado e portanto, a quem – por via da sua condição feminina – não foi possível à História atribuir reconhecimento ou identidade artística) registar – para memória futura – o contorno do rosto do seu amante que partia em viagem. O relato conta ainda que a jovem desenhadora terá gravado este contorno numa parede a partir de uma sombra do perfil do amante produzida por uma lamparina acesa.

Detenhamo-nos sobre a sugestão incrivelmente rica (na sua dimensão especulativa) entre, por um lado, o Desenho – enquanto prática – e por outro a Sombra – enquanto referente para o Desenho. Porque recorre a jovem à sombra? Ter-se-á interessado pela ideia imaterial da sua presença enquanto imagem? Terá estabelecido uma relação metafórica entre a evanescência desta e a memória enquanto processo de aproximação ao real? Terá optado conscientemente por integrar a mutabilidade e inconsistência formal da sombra naquilo que seria sempre um registo imperfeito da ausência do seu amado? As várias proposições parecem-nos válidas.

Interessa-nos reter aqui, para darmos início a esta reflexão (e porque é também esta a convicção que temos), que – muito embora a História da Arte tenha desvalorizado grandemente a disciplina ao longo dos tempos, vendo-a como subsidiária e preparatória das outras disciplinas artísticas – é a prática do Desenho a que mais se aproxima do processo de criação em tempo real. Mais do que um processo de construção de realidades materiais, estabelece-se como um processo de pensamento em si mesmo.

Pressupondo uma articulação cuidada – resultante de um treino regular – entre o olho e a mão. ... E entre o olho e a mão cabem todas as relações possíveis decorrentes da observação, da percepção (nas suas várias dimensões), da memória e muito particularmente dos mistérios da imaginação.

Neste sentido, afirmamos que o Desenho se faz desenhando, e sempre por aproximação. Com ou sem referentes directos, o seu resultado é devedor de inúmeros aspectos que se prendem, em grande medida, com o seu próprio fazer, extravasando sempre, inevitavelmente, a sua condição de ferramen-

ta de representação. Constitui-se como uma representação de uma (ou várias) representações mentais e, é exactamente por isso, que o entendemos como o meio que mais procura romper com os modelos de representação para assumir um lugar de apresentação. Muito para além daquilo que reconhecemos num desenho, o Desenho ‘é’.

A prática de desenho de Leonor Neves tem vindo a analisar, explorar e reflectir acerca desta possibilidade do Desenho ‘ser’.

Trabalhando a partir da tentativa de descodificação dos seus próprios mecanismos de memória, do reconhecimento da paisagem nas suas dimensões óptica e háptica, do Desenho preparatório do Desenho (que se constrói desenhando), dando lugar a mais e mais novos Desenhos, de um entendimento das dimensões atmosféricas, sensoriais, evanescentes dos elementos da natureza e de uma ideia permanente de impermanência introduzida pela presença da Sombra enquanto elemento evocado e enunciado, deu lugar – no âmbito da residência realizada na RAMA – a um denso corpo de trabalho que agora se apresenta em exposição na Galeria Municipal de Torres Vedras.

Os vários trabalhos (ora sobre lona, ora sobre papel) parecem assumir uma dimensão física. Têm um corpo. E convocam amplamente o corpo do espectador, sugerem movimento, pedem deslocação, atraem o olhar – numa primeira instância – para rapidamente convocarem o corpo todo, extravasando amplamente a condição visual. Não são imagens. Estão muito para além das imagens.

A assumpção de um espaço natural, paisagístico (mental, decorrente do seu universo pessoal de visões imaginadas), desdobrado e (re)construído nas várias camadas que compõem os seus desenhos, e a forma amplamente espacializada como cada um destes desenhos se apresentam ao espectador no espaço da exposição, parecem sublinhar a convicção com que iniciámos: aqui o Desenho ‘é’!

Ana Anacleto

Janeiro 2023

Texto escrito segundo antigo acordo ortográfico













A sombra do vento, 2023
12 de 17 obras originais
Técnica mista s/ papel
Mixed media on paper
50 x 42cm (cada elemento)
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 3 | 8 | 9 | 10

Adusta, 2023
Técnica mista s/ tela
Mixed media on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 11 | 13

Cinéreo, 2023
Técnica mista s/ tela
Mixed media on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 8

Depois do fogo, 2022
Carvão natural vegetal de eucalipto e colagem s/ tela
Eucalyptus natural charcoal and collage on canvas
150 x 95,5cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 12

Ignis, 2023
Carvão vegetal, grafite, ecoline s/ tela
Charcoal, graphite and ecoline on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 11 | 13

Passagem, 2023
Carvão vegetal, grafite e ecoline s/ tela
Charcoal, graphite and ecoline on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 13

Phragmites, 2023
Carvão, grafite, ecoline e gesso acrílico s/ tela
Charcoal, graphite, ecoline and acrylic gesso on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 4 | 12

Pó, 2023
Gesso acrílico, carvão, grafite e ecoline s/ madeira
Acrylic gesso, charcoal, graphite and ecoline on wood
48 x 32 x 8cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 5 | 6

Silentium, 2023
Técnica mista s/ tela
Mixed media on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 4 | 12

Sombra, 2023
Técnica mista s/ tela
Mixed media on canvas
140 x 180cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 11

Terra ardida, 2023
Carvão vegetal, grafite e pastel seco s/ tela
Charcoal, graphite and dry pastel on canvas
143 x 298cm
Cortesia da artista | Courtesy of the artist
Pág. 4

THE SHADOW OF THE WIND

In a text dedicated to the subject of Portrait, included in the publication "Sem título – Escritos sobre Arte e Artistas", José Gil recalls the reflections of Plínio (the Elder) about the myth of the creation of Painting and Ceramics to lead us to an approach to the idea that Drawing is, inevitably, in the basis of all (so-called) artistic creations.

The aforementioned myth presents us the first historically recorded moment in which it was possible for a passionate young woman (daughter of potter Butades de Sicyon, whose name was not registered and therefore, to whom – due to her female condition – it was not possible for History to attribute recognition or artistic identity) to register – for future memory – the outline of the face of her lover who had left on a trip. The report also tells that the young artist would have engraved this outline on a wall from a shadow of the lover's profile produced by a lit lamp.

Let us dwell on the incredibly rich suggestion (in its speculative dimension) between, on one hand, Drawing – as a practice – and, on the other hand, Shadow – as a reference for Drawing. Why does the young woman resort to the shadow? Was she interested in the immaterial idea of its presence as an image? Has she established a metaphorical relation between its evanescence and memory as a process of approaching reality? Has she consciously chosen to integrate the changeability and formal inconstancy of the shadow into what would always be an imperfect record of her beloved's absence?

The various propositions seem valid to us.

It is interesting to retain here, as a starting point for this reflection (and because this is also our conviction), that – even though the History of Art has greatly devalued the discipline over time, seeing it as a subsidiary and preparatory to the other artistic disciplines – it is the practice of Drawing that comes the closest to the creation process in real time. More than a process of building material realities, it is established as a thought process in itself.

Assuming a careful articulation – resulting from regular training – between the eye and the hand. ... And between the eye and the hand fit all the possible relationships arising from observation, perception (in its various dimensions), memory and, particularly, the mysteries of imagination.

In this sense, we affirm that a Drawing is done by drawing, and always by approximation. With or

without direct referents, its result is indebted to countless aspects that are connected, to a large extent, with its own doing, always, inevitably, going beyond its status as a representational tool. It is constituted as a representation of one (or several) mental representation(s) and, that is exactly why, we understand it as the means that most seeks to break with the models of representation to assume a place of presentation. Far beyond what we recognize in a drawing, Drawing 'is'.

The drawing practice Leonor Neves has been developing so far, has been analyzing, exploring and reflecting on this possibility of Drawing 'being'.

Working from the attempt to decode her own memory mechanisms, from the recognition of landscape in its optical and haptic dimensions, from the preparatory drawing of the Drawing (which is built by drawing), giving rise to more and more new Drawings, from an understanding of the atmospheric, sensory, evanescent dimensions of natural elements and a permanent idea of impermanence introduced by the presence of the Shadow as an evoked and enunciated element, gave rise – within the scope of the residency held at RAMA – to a dense body of work that is now presented in the exhibition at the Municipal Gallery of Torres Vedras.

The various works (sometimes on canvas, sometimes on paper) seem to take on a physical dimension. They assume a body. And they broadly summon the spectator's body, suggest movement, ask for displacement, attract the eye – in the first instance – to quickly summon the whole body, widely surpassing the visual condition. They are not images. They are far beyond images.

The assumption of a natural, landscaped space (mental, resulting from her personal universe of imagined visions), unfolded and (re)constructed in the various layers that make up her drawings, and the widely spatialized way in which each of these drawings are presented to the viewer in the exhibition space, seem to underline the conviction with which we have started: here Drawing 'is'!

Ana Anacleto

January 2023

Agradecimentos | Acknowledgement

A RAMA gostaria de agradecer à Câmara Municipal de Torres Vedras e à ESAD.CR toda a colaboração e cooperação prestadas no âmbito do protocolo relativo à Bolsa de Criação para artistas finalistas de mestrado em Artes Plásticas, bem como à equipa da Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras por toda a articulação e acompanhamento prestado na preparação desta exposição.

Leonor Neves gostaria de agradecer a Ana Anacleto, a Paulo Brighenti, à RAMA, à ESAD.CR, à Câmara Municipal de Torres Vedras e à equipa da Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras.

RAMA would like to thank the Municipality of Torres Vedras and ESAD.CR for all the collaboration and cooperation provided within the scope of the protocol relating to the Creation Grant for finalist artists of the Masters in Visual Arts, as well as the team at Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras for all the articulation and follow-up provided in the preparation of this exhibition.

Leonor Neves would like to thank Ana Anacleto, Paulo Brighenti, RAMA, ESAD.CR, the Municipality of Torres Vedras and the team at Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras.